

# Venezuela: por que Chávez venceu

*A vitória de Chávez terá repercussões muito além das fronteiras da Venezuela. É um triunfo dos pobres contra os ricos, e uma lição que Lula, no Brasil, e Kirchner, na Argentina, deveriam estudar de perto.*

Por Tariq Ali<sup>1</sup>

\* Escritor paquistanês radicado na Inglaterra, autor de *Conflito de fundamentalismos – cruzadas, jihad e modernidade* (ed. Record), Ali é um dos editores da *Green Left Weekly* (sítio na Internet: [www.greenleft.org.au/](http://www.greenleft.org.au/)), onde este texto foi publicado em 25/08/2004, com o título: “Venezuela: *Why Chavez Won*”. Agradecemos a *Green Left Weekly* a autorização para que o veiculássemos. A tradução é de Pedro Amaral.

**C**hávez venceu seus oponentes democraticamente, e pela quarta vez seguida. A democracia na Venezuela, sob a bandeira dos revolucionários bolivarianos, suplantou o corrupto sistema bipartidário apoiado pela oligarquia e seus amigos no Ocidente. E isso ocorreu apesar da total hostilidade da mídia privada: os dois jornais diários, *Universal* e *Nacional*, bem como os canais de TV de Gustavo Cisneros e a CNN, não fizeram qualquer esforço para mascarar seu apoio ostensivo à oposição.

Alguns correspondentes estrangeiros em Caracas convenceram-se de que Chávez é um caudilho opressor, e estão desesperados para

transformar seus sonhos em realidade. Eles não apresentam qualquer evidência da existência de prisioneiros políticos, muito menos de detenções à *la Guantánamo* ou demissões de executivos de canais de TV e editores de jornais (o que ocorreu sem causar muito alarido na Grã-Bretanha de Blair).

Algumas semanas atrás, em Caracas, tive uma longa conversa com Chávez, sobre temas que iam do Iraque às minúcias mais detalhadas da História e da política venezuelanas e do programa bolivariano. Ficou claro para mim que o que Chávez está tentando é nada mais, nada menos que criar uma social-democracia radical na Venezuela, buscando dar poder às camadas mais baixas da sociedade.

Nesses tempos de desregulamentação, privatização e do modelo anglo-saxão em que a política subordina-se à riqueza, as metas de Chávez são consideradas revolucionárias, embora as medidas propostas não sejam muito diferentes daquelas do governo Atlee na Grã-Bretanha do pós-guerra. Parte da riqueza do petróleo está sendo gasta para educar e curar os pobres.

Pouco menos de um milhão de crianças das favelas e dos vilarejos mais pobres agora recebem educação gratuita; 1,2 milhão de adultos analfabetos aprenderam a ler e escrever; a educação secundária tornou-se acessível a 250 mil crianças cujo *status* social as excluía desse privilégio no *ancien régime*; três novos *campus* universitários estavam funcionando em 2003, e outros seis deverão ser concluídos até 2006.

No que se refere à assistência médica, os 10 mil médicos cubanos enviados para ajudar o país transformaram a situação dos distritos pobres, onde 11 mil postos de saúde foram criados e o orçamento para a saúde foi triplicado.

Some-se isso ao apoio financeiro à pequena empresa, as novas casas sendo construídas para os pobres, uma lei de reforma agrária que foi decretada e levada adiante apesar da resistência, por meios legais e pela violência dos proprietários de terras. Ao fim de 2003, 2.262,467 hectares haviam sido distribuídos para 116.899 famílias. As razões para a popularidade de Chávez tornam-se óbvias. Nenhum regime anterior havia sequer percebido as agruras dos pobres.

Quando pedi a Chávez que explicasse sua filosofia, ele respondeu: “Eu não acredito nos postulados dogmáticos de uma revolução marxista. Não concordo que estejamos vivendo um período de revoluções proletárias. Tudo isso deve ser revisto. A realidade está nos mostrando isso todo dia. Estamos buscando na Venezuela, hoje, a abolição da propriedade privada, ou a criação de uma sociedade sem classes? Eu acho que não.”

“Mas se me dizem que em vista dessa realidade você não pode fazer nada para ajudar os pobres, as pessoas que tornaram este país rico através do seu trabalho – e nunca esqueça que parte dele foi trabalho escravo –, então eu digo: temos divergências.”

“Nunca vou aceitar a idéia de que não pode haver redistribuição de renda na sociedade. Nossas classes altas sequer aceitam pagar impostos. Essa é uma razão pela qual elas me odeiam. Nós dizemos: vocês têm que pagar impostos.”

“Acredito que é melhor morrer em combate do que empunhar bem alto uma bandeira muito revolucionária e muito pura, e não fazer nada... Essa posição freqüentemente me parece muito conveniente, uma boa desculpa... Tente e faça a sua revolução, vá para o combate, avance um pouco, mesmo que seja só um milímetro, na direção certa, ao invés de sonhar com utopias.”

E foi por isso que ele venceu. ■